

SINESTESIA

Sinestesia, do grego “sin” = junção e “esthesia” = sensação, é a figura de linguagem que consiste em fundir sensações captadas pelos órgãos dos sentidos. Tomando como exemplo uma frase de Waldomiro Autran Dourado – “os **carinhos** não tinham mais o gosto dos primeiros tempos”, percebe-se que “carinho”, sensação tátil, mistura-se com “gosto”, percebido pelo paladar.

Essa figura de linguagem é bastante utilizada pelo Simbolismo, escola surgida na França no final do século XIX e voltada para o subjetivismo, a vagueza, a evocação à transcendência e à abstração. Todas essas características faziam com que o objeto da poesia fosse mostrado a partir de sugestões, sem fixá-lo a delimitações objetivas. Esse estilo literário ia de encontro aos ideais cientificistas e positivistas do período, da mesma forma que o Romantismo reagiu ao Iluminismo. Na evocação de tantos elementos transcendentais, os simbolistas expressam a ineficiência de ciências objetivas conseguirem expressar uma idéia apenas pelo material, palpável. É como se a matéria fosse sentida em toda sua plenitude: cor, cheiro, gosto, calor ...

No Brasil, dois dos grandes poetas simbolistas foram João da Cruz e Souza, introdutor do Simbolismo no país, e Alphonsus de Guimaraens. Observe o trecho de “Antífona”, de Cruz e Souza: “*Indefiníveis músicas supremas,/ Harmonias da Cor e do Perfume .../ Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,/ Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume ...*”. O trecho começa falando de canções, então o sentido evocado é a audição. Mas, no segundo verso, há uma definição sinestésica: harmonias da Cor e do Perfume. Como dizer que essas indefiníveis músicas supremas são da Cor e do Perfume apenas se prendendo à audição? Esse é o objetivo dos simbolistas: transformar a vagueza das definições em sensações. O subjetivismo de quem lê que irá construir as imagens a partir do que for sentido.

Uma observação. No Simbolismo, a freqüência de cores brancas se dá pela sugestão de pureza, opacidade, neblina e névoa, o que faz com que as imagens tornem-se menos objetivas e mais sugestivas, subjetivas.

Na pintura, a associação de impressões sensoriais recebe o nome de Impressionismo. Não mais a definição perfeita do objeto é o importante na pintura impressionista. As luzes e as sombras, assim como o movimento das pinceladas, são a tônica da obra. Na não-delimitação dos elementos da pintura, é o apreciador da obra que terá sua impressão do que é visto, a partir das sensações captadas pelas sombras, luzes e pinceladas.

Na fala cotidiana, há exemplos interessantes de sinestesia. Quando alguém diz “o seu perfume é muito doce”, cria-se uma relação entre olfato e paladar. Ninguém, em condições normais, irá tomar uma dose de perfume para

comprovar se é realmente doce ou não. O cheiro do perfume é geralmente associado a algum alimento doce, e por isso se faz a sinestesia.

Na publicidade, essa figura de linguagem é uma ferramenta importante para atrair consumidores. Utilizando o exemplo da publicidade de um antigo creme dental, em que o frescor transmitido pela hortelã é associado a temperaturas baixas, que remetem à neve, que é branca, assim como os dentes de quem utilizar esse produto. Da mesma forma, ocorre com as grandes redes de *fast-food*, que utilizam significativamente cores fortes como vermelho e amarelo. Esses tons “quentes” são associados aos alimentos, que se tornam mais saborosos, tentadores.

É essa multiplicidade sensorial que faz a beleza de versos como os de “Violões que choram ...”, de Cruz e Souza: “*Harmonias que pungem, que laceram,/ Dedos nervosos e ágeis que percorrem/ Cordas e um mundo de dolências geram/ Gemidos, prantos, que no espaço morrem .../ E sons soturnos, suspiradas mágoas,/ Mágoas amargas e melancolias,/ No sussurro monótono das águas,/ Noturnamente, entre ramagens frias*”. Harmonias que laceram, que cortam. Os sons tornam-se mágoas amargas; o indefinível mostra-se nesse mar de sentidos, que explicam e escondem, ocultam e escancaram para o leitor a voz do texto.

Professor Alex Pitta